

# Um olhar: a travessia dos desesperados – Por Rosa Fonseca

written by Rosa Fonseca | 23 de Outubro, 2023



**OCIDADÃO**  
Jornalismo Livre  
**Crónica**

Vivemos num mundo incauto onde grassam os medos e os infortúnios. A imperturbabilidade. O nada, o zero. **Há pessoas que são zero.**

Basta clicar num botão e entram-nos pela casa adentro –, naquela hora em que estamos em família e à mesa, a degustar o repasto solene, os rostos transfigurados e desgastados em corpos quase inanimados, para nos embrulhar o estômago e estorcegar-nos o coração. E talvez nos sintamos defraudados por **este mundo que olha de relance sem levantar a cabeça.**

Mas quando a levantamos e olhamos com misericórdia, embatemos com as tantas vidas suspensas nos mastros partidos de

embarcações à deriva. Ainda bem que as notícias têm hoje, o **poder de nos sacudir cruamente para a realidade**. Porque a realidade destes homens e mulheres, ultrapassa todas as barreiras da **sanidade humana**.

Eles dirigem-se lentamente e desorientados, depois de longos dias naquele mar que lhes mostra o outro lado da liberdade – assim o sonham. Talvez “O el dorado” **de outros tempos**. Deambulam os **corpos subalimentados e clandestinos** pelo cais em noites negras, sem retalhos de azul. Sacodem as areias das roupas e limpam o sal do rosto.

São homens, mulheres e crianças que tentam resgatar a **dignidade** e a **liberdade** que lhes pertence, mas amputada e **traída pelo seu próprio país**.

No fundo de cada um deles a esperança de um oásis na cidade que avistam. Ou apenas os sonhos latentes a dar à costa...

E a vida longínqua torna-se árida e quente, pesada e húmida como o oceano que lhes naufraga a vida. Tão indefesos e desamparados, homens, mulheres e crianças, desembarcam uma vida que tantas vezes fica **estendida no extenso areal da morte**.

E as cidades encobertas pelas sombras da noite, erguem-se solitárias, como eles, sem ninguém a caminhar ao seu lado, sem ninguém que os espere.

E o vento sopra forte em remoinho, chicoteia-lhes o corpo como se fossem escravos – talvez seja a **escravidão destes novos tempos**.

E o mar, o monstro que os abocanha e os **engole**.

Quem lhes enxuga as lágrimas e acalma as dores e lhes devolve o brilho ao olhar!? Não haverá quem... **poucas serão as boias de salvação**.

Sinto que os chefes de Estado e Governos e Cimeiras, face aos atuais desafios da migração, também eles, **estejam à deriva**. Continuamos a ver uma migração desproporcionada e a entrada

clandestina de migrantes enredados **num negócio de seres humanos. Uma mercadoria indefesa.**

De pouco valerão as palavras sobre estes homens e mulheres que atravessam com a vida nas mãos e os olhos incubados, outras rotas, outros mares. **Almas solitárias e vazias** que morreram lentamente do outro lado, presos **às marés negras dos abutres em festa.**

Assistimos inertes à **degradação do ser humano.**

Ninguém abandona o seu país se ele for **casa, pão, liberdade. Aconchego e Mãe.**